



175. CRESCIMENTO DE *EMERITA BRASILIENSIS* (CRUSTACEA, HIPPIDAE),
NA PRAIA GRANDE, EM UBATUBA (SP), BRASIL

SOUZA, BT^{1*} & PINHEIRO, MAA²
^{1,2}UNESP/CLP; *bruna.trevisan.s@gmail.com

Emerita brasiliensis é um hipídeo comum de praias arenosas do Atlântico Ocidental, particularmente naquelas de maior hidrodinâmica, existindo poucas informações sobre seu crescimento e longevidade. Os espécimes foram coletados mensalmente de outubro/1996 a setembro/1997, por coleta manual e uso de peneiras, na Praia Grande, em Ubatuba (SP). Os animais foram medidos (CC, comprimento cefalotorácico), agrupados em classes de tamanho, com detecção/acompanhamento das modas bimestrais pelo programa FiSAT para o cálculo das taxas de crescimento (k) e de oscilação (C), além do ajuste por Von Bertalanffy (VB). Dos 7.069 exemplares, os machos (n=4.295) variaram de 2,8 a 14,9 mm e as fêmeas (n=2.774) de 7,2 a 21,2 mm. Os machos apresentaram menor porte (p<0,01), com valor de k (0,6) quatro vezes inferior ao das fêmeas (2,0), ocorrendo sobreposição entre os sexos de 7,2 a 14,9 mm. Os machos apresentaram crescimento expresso pelo modelo sazonal (C=1; p<0,05), diferindo das fêmeas, que não apresentaram sazonalidade no crescimento (C=0,3; p>0,05). A equação de crescimento para os machos foi expressa por $CC_t = 15,2[1 - e^{-0,6t - 0,048\{\sin[2\pi(t-0,06)] - \sin[2\pi(-0,06)]\}}]$, enquanto para as fêmeas foi de $CC_t = 22,6[1 - e^{-2(t-1,67)}]$. *E. brasiliensis* possui longevidade de 3 anos, eclodindo como machos (até 2 anos), revertendo para fêmeas a partir de 10mm. Em revisão, verificou-se um aumento sutil do índice de desempenho de crescimento (ϕ') dessa espécie com a latitude, possivelmente em função de efeito sinérgico entre parâmetros ambientais.

FAPESP #2010/15193-0

176. CRESCIMENTO E LONGEVIDADE DOS INDIVÍDUOS E DA POPULAÇÃO DO
CAMARÃO PEDRA, *SICYONIA DORSALIS* (CRUSTACEA: SICYONIIDAE), DA COSTA
SUDESTE DO BRASIL

WOLF, MR^{1*}; FRANZOZO, A¹; COSTA, RC² & CASTILHO, AL¹
¹UNESP; ²UNESP; *milena@ibb.unesp.br

Apesar de não ser comercialmente explorado, *Sicyonia dorsalis* forma um importante elo na teia trófica marinha convertendo detritos orgânicos em biomassa disponível aos níveis tróficos superiores. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi investigar o seu crescimento e longevidade. As coletas foram mensais em Ubatuba e Caraguatatuba (São Paulo) de julho de 2001 a junho de 2003, com um barco de pesca. Os indivíduos foram mensurados quanto ao comprimento da carapaça (CC mm). Um total de 980 espécimes foi coletado em Ubatuba (830 fêmeas e 150 machos) e 1069 (977 fêmeas e 92 machos) em Caraguatatuba. A curva de crescimento média para as fêmeas resultou em estimativas de $CC_{\infty} = 13,75$ mm, $k = 0,009/\text{dia}$ e $t_0 = -0,018$ em Ubatuba e $CC_{\infty} = 16,91$ mm, $k = 0,008/\text{dia}$ e $t_0 = -0,062$ em Caraguatatuba. Para os machos, as regiões foram agrupadas, e os resultados foram: $CC_{\infty} = 10,22$ mm, $k = 0,011/\text{dia}$ e $t_0 = -0,245$. A longevidade foi estimada em 484,9 dias (1,33 anos) para as fêmeas de Ubatuba e 547,3 dias (1,50 anos) para as fêmeas de Caraguatatuba. Para os machos a longevidade foi: 432,2 dias (1,18 anos). As fêmeas alcançaram maiores tamanhos que os machos, sugerindo um dimorfismo sexual relacionado ao tamanho do corpo, devido ao investimento energético diferencial em relação à reprodução. Quando comparada com espécies do mesmo gênero, nossos resultados corroboraram com o padrão do paradigma do efeito latitudinal, isto é, com a diminuição da latitude se observa uma tendência das populações atingirem tamanhos menores e, conseqüentemente, apresentarem longevidade inferior.

FAPESP; CAPES.